

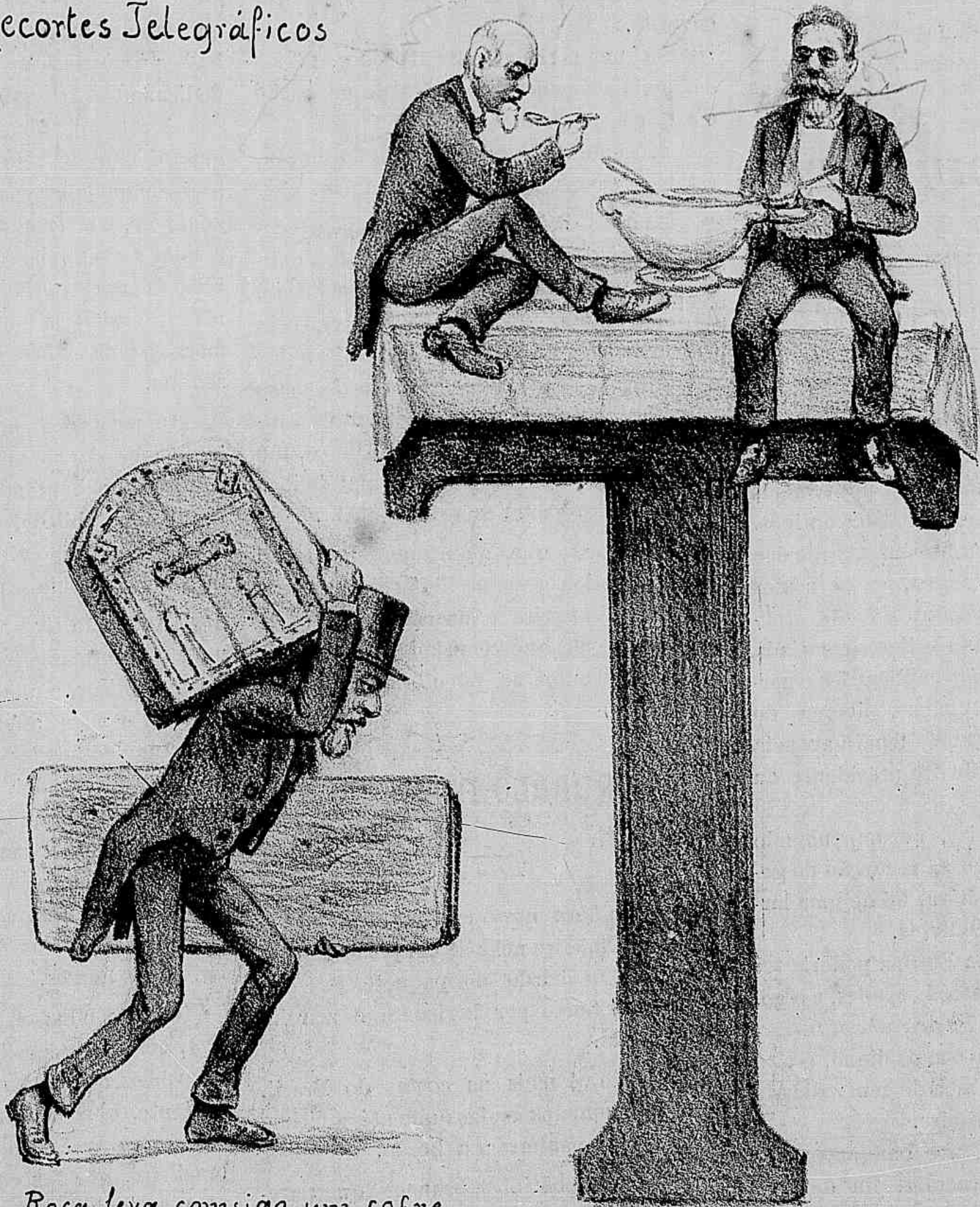
DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini
Escritorio e Redaccão, Largo da Carioca 4, esquina da r. S. José

Sobrado

Roca en el Brasil

Recortes Telegráficos



Roca leva consigo um cofre com amostras de mineraes e madeiras do Brasil, presente do Dr Campos Sales

Effectuou-se o banquete em uma mesa em forma de T, cuja cabeceira occuparam os presidentes.

A.A.

Do collega Argentino "Caras y Caretas", bellissimo Semanario, copiamos estes dois telegrammas tão espirituosamente illustrados

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE áquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como áquelles que ainda estavam em atrazo.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

RIO, 2 DE SETEMBRO DE 1899.

LEVIANDADES

O DON QUIXOTE foi o primeiro a relevar a noticia, evidentemente de caracter humoristico, de um jornal de S. Paulo, relativamente ás despesas feitas nos festejos aos nossos illustres hospedes argentinos. Parece que outros *pequenos* fizeram-se éco d'aquella noticia fantastica, e os nossos distinctos collegas do *Jornal do Commercio* e da *Noticia*, ligando-lhes demasiada importancia, vieram com explicações e pormenores em suas columnas, ácerca do quanto se gastou durante a permanencia no Rio de Janeiro do illustre presidente da Republica Argentina.

O governo brasileiro, accompanhando o entusiasmo do povo na recepção do general Roca e sua comitiva, foi de uma largueza e fidalguia inexcusaveis.

Nenhuma côrte da Europa poderia ter tratado melhor os nossos hospedes, e o governo, tendo tudo feito *en grand seigneur*, salvaguardou, do modo o mais digno, o alto decoro e a tradicional fama de generosidade e nobreza do povo brasileiro.

Tudo, nos bailes, nos banquetes, nas passeatas, nos espectaculos, foi de uma grandeza verdadeiramente imponente.

Podia o governo ter gasto muito mais; não podia, porém, ter feito nem mais, nem melhor.

O que se comprou foi pago pelo seu justo valor, e a despesa teria com certeza subido

a tres ou quatro vezes mais, si a tudo não tivesse presidido a mais escrupulosa e severa fiscalisação.

Nosso povo, transportado pelo entusiasmo irresistivel que o dominava, patenteou aos hospedes argentinos o seu contentamento do modo o mais nobre e delicado, e as repetidas provas de sympathia e apuro não podiam ter sido, nem mais sinceras, nem mais eloquentes.

Como, porém, em todos os paizes e em todas as circumstancias ha sempre um pequeno numero de irrequietos, levianos e mesmo malcriados, que com cousa alguma se satisfazem e não podem deixar de fazer ouvir em todas as occasiões a sua nota estridente e desafinada, assim, nesta occorrença das festas, sahiram elles com observações criticas, e discussões indiscretas e tolas relativamente ás despesas feitas pelo governo.

Só uns levianos e irreflectidos, falhos das mais elementares noções de educação e cortezia, podiam fazer isso.

A gente sensata e séria não ligará, estamos certos, a menor importancia.

A estes individuos, que tão pouco conhecem os deveres de hospitalidade e delicadeza, perguntamos o que elles diriam do homem que, tendo hospedado em sua casa um bom amigo, rodeando-o de todas as atenções; não tendo olhado a despesas para ser-lhe agradável, no momento do ultimo aperto de mão, do ultimo abraço, lhe dissesse baixinho ao ouvido: mal sabe o amigo quanto gastei com sua visita!...

Felizmente que, quanto ao modo como foram tratados os nossos illustres hospedes, fazem fé lisongeira e incontestavel os jornaes argentinos, que vêm repletos de elogios e agradecimentos ao povo brasileiro.

BORDALLO PINHEIRO

A esta hora nosso ex-collega e amigo Bordallo Pinheiro acha-se em pleno Oceano Atlantico, a bordo do paquete *Rei de Portugal*, tendo por horizonte o mar infinito e azul.

Já não vê mais as costas do Brasil, nem os innumerados amigos que até a ultima hora o acompanharam a bordo.

Aquelles pontinhos brancos que parecia enfeitarem as lanchas e outras embarcações que pouco a pouco foram desaparecendo, eram lenços agitados por amigos e admiradores n'um ultimo e saudoso adeus.

Si seus olhos nada mais vêem sinão o

vasto manto azul do Oceano, o seu coração de artista sente gravados n'elle e para sempre todos os affectos e provas de admiração de que foi alvo entre nós.

Desejando-lhe feliz viagem publicamos a carta que nos enviou:

« Sr. redactor do D. Quixote. — Partindo para Lisboa, a bordo do *Rei de Portugal*, peço a V. o agasalho de sua folha, para agradecer a toda a imprensa a excessiva benevolencia com que tratou da minha *exposição de faianças* e os generosos conceitos que lhe mereceram os meus esforços, para o resurgimento de uma das mais antigas industrias artisticas do meu paiz.

Neste particular, tive mais a ventura, e d'isto me desvaneco especialmente, de ver também reconhecidos esses obscuros esforços por muitos dos meus compatriotas, que me acompanharam em todos os trabalhos da exposição com o empenho mais dedicado.

A notaval affluencia de visitantes com que fui honrado, sem que para isso me valesse de qualquer dos conhecidos meios de *réclame*, e a espontaneidade com que veio a mim, todo applauso e sympathia, o publico fluminense, são favores e premios que não se esquecem nunca pelo seu alto valor moral e pela estima penhorante que representam.

De novas dedicações e de velhos amigos innumerados são as provas de affecto que recebi; e si nenhum individualizo neste agradecimento publico, de todos levo, no melhor do meu coração, o vivo reconhecimento que lhes devo, sentido e perenne.

Desde que tive a fortuna de pisar de novo esta formosa terra, em todos os poderes publicos, a que tive de recorrer, encontrei o mais affectuoso acolhimento e todas as facilidades compatíveis com as prescripções da lei. Estas inesquecidas provas de consideração generalisaram-se depois a quantos me distinguiram com a sua convivencia, devendo especializar pela extrema gentileza com que me auxiliou desde os primeiros momentos, o Exm. Sr. Dr. Rego Barros.

Offerecendo a S. Ex. a *Jarra Beethoven*, que a sorte collocou de novo nas minhas mãos, quiz assim afirmar, por maneira evidente, o meu profundo reconhecimento á incomparavel generosidade do coração brasileiro, que faz com que este paiz seja uma segunda e grande patria, com estímulos e espaço para todas as actividades e prodigo de animações e de carinhos para quantos o sabem comprehender e amar.

Creia-me sempre, Sr. redactor, o mais grato dos seus admiradores e amigos. — *Raphael Bordallo Pinheiro.*»

POR CAUSA DA PESTE

Extraordinarias medidas sanitarias serão applicadas contra a tal peste bubónica, extraordinarias e diversas, pois que o tal saneamento tomará d'esta vez um caracter bellico.

No Pará resolveu-se fortificar as fortalezas de Belém, Amapá e Ovidos com artilharia Krupp 7 1/2 ou 7 3/4 mais ou menos.

A fortaleza de Santos será artilhada e guarnecida com duas torres couraçadas. E' o que diz o *Jornal do Commercio* do dia 26.

Com tantas peças é provavel que haja muitos tiros si... não faltar polvora!



Uma esquadra será enviada ao encontro do terrivel inimigo. Si os navios de guerra ainda não seguiram barra fóra é porque deram parte de doentes. Alguns d'elles já foram para o hospital da ilha das Cobras, que em termo marítimo chamam dique.

Já em nosso ultimo numero demos a relação dos navios de nossa esquadra que se acham em máo estado de saude, e aos quaes também juntou-se o *Tupy*.

Esperamos que, uma vez restabelecidos de seus incommodos, sahirão galhardamente da bahia de Guanabara para dar combate a essa maldita peste bubonica, que naturalmente deve estar armada até os dentes.

Não podemos explicar de outro modo taes providencias bellicas, em que fortalezas, canhões e esquadras servem de medidas sanitarias.



A Prefeitura pelo seu lado também emprega os maiores esforços, adoptando medidas as mais hygienicas, e, como quasi sempre nas grandes catastrophes apparece um salvador da patria, será bom que ella verifique si o systema denominado—*Reservatorio Sanitario*, do qual tem privilegio os Srs. E. Brandão do Valle e Henrique Deslandes, serve ou não serve.

Trata-se de um aparelho que, posto entre as latrinas e os canos de esgoto, dissolve automaticamente todas as materias fecaes, levando-as para o cano de esgoto transformadas em liquido incolor e sem cheiro.

Os representantes do *Jornal do Commercio*, da *Tribuna* e da *Gazeta de Noticias*, que metteram o nariz n'esse nego-

cio, deram um parecer dos mais favoraveis.

Fazemos votos para que esse systema tenha um pleno successo e seja adoptado com toda a brevidade.

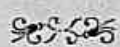
Em logar de um salvador da patria empestada teremos dois: os Srs. Eugenio Brandão do Valle e Henrique Deslandes.

NOTICIARIO

De varios pontos da cidade, de todos os arrabaldes, de Catumby, Engenho Novo e Velho, de todas as estações da Estrada de Ferro Central; em todos os suburbios, na Gambôa, no Sacco do Alferes, em Botafogo e até em S. Thereza, na propria rua do Aqueducto, recebemos queixas sobre a falta d'agua e pedem a nossa intervenção para fazer cessar esse flagello, tão secco quanto incommodo, que nos priva de matar a sede, lavar a casa e pôr a panella ao fogo.

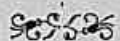
Ter agua para o banho, para lavar a roupa, a casa, regar as plantas e um sem numero de cousas em que se emprega este liquido, hoje precioso, é um luxo ao qual não ousamos aspirar, emquanto a Divina Providencia não resolver, em sua alta sabedoria, molhar-nos a valer com copiosas chuvas.

Infelizmente nada podemos fazer sinão juntar nossos sentidos lamentos aos de toda esta população sedenta e desesperada e clamar com ella, dirigindo-nos aos poderes publicos: Agua! Agua! Agua! Agua! Agua! Agua! Agua! Agua! Agua!...



Não podia ter melhor destino a *Jarra Beethoven*, esse bellissimo objecto de arte, do que o logar em que será collocada: o salão de musica do palacio do governo.

Assim o determinou o Dr. Campos Salles, a quem ella foi offerecida pelo Sr. Dr. Rego Barros, que a seu turno a recebera de presente do seu proprio autor, o sympathico collega e artista Bordallo Pinheiro.



Continuam as opiuiões diversas sobre os avisos, ordens do dia, regulamentos, artigos, paragraphos e decretos e não sei que mais ácerca do incidente entre o ministro de justiça e o antigo commandante da brigada policial coronel Bellarmino de Mendonça. Não entendemos patavina de tudo isso, nem queremos entender, pois que só interessa á brigada policial. Mas,

nem por isso deixamos de lastimar profundamente o facto que causou essa desavença, pois trata-se de um distincto official e de um ministro resolvido a manter com toda a dignidade e energia os seus actos, para que a verdadeira disciplina e a comprehensão dos deveres não sejam burla.



O Sr. ministro da marinha contra-almirante Pinto da Luz apresentou ao Sr. presidente da Republica um decreto adoptando a pratica seguida por varias potencias maritimas, com referencia ás salvas nos portos por occasião da entrada de navios de guerra e visitas de autoridades.

Dizem que essa medida trará aos cofres publicos uma economia de cerca de quarenta contos annuaes.

Muito maior economia seria adoptar o systema seguido pelo Sr. commandante da fortaleza de Santos, que não dá salva alguma.



Um caso que contam ter se passado ha bastantes annos, ainda no tempo da monarchia, é aquelle em que perguntando-se ao commandante de uma fortaleza á beira mar o motivo por que não correspondêra ás salvas de um navio de guerra, este replicou: Por tres razões: a primeira é porque não tinha polvora. Basta, disseram-lhe, não é preciso saber as outras.

Si até hoje este facto tinha assim uns ares de anedocta, de hoje em diante não ha mais que duvidar da sua realidade. Eis o que se lê no *Jornal do Brasil* de 28 do corrente:

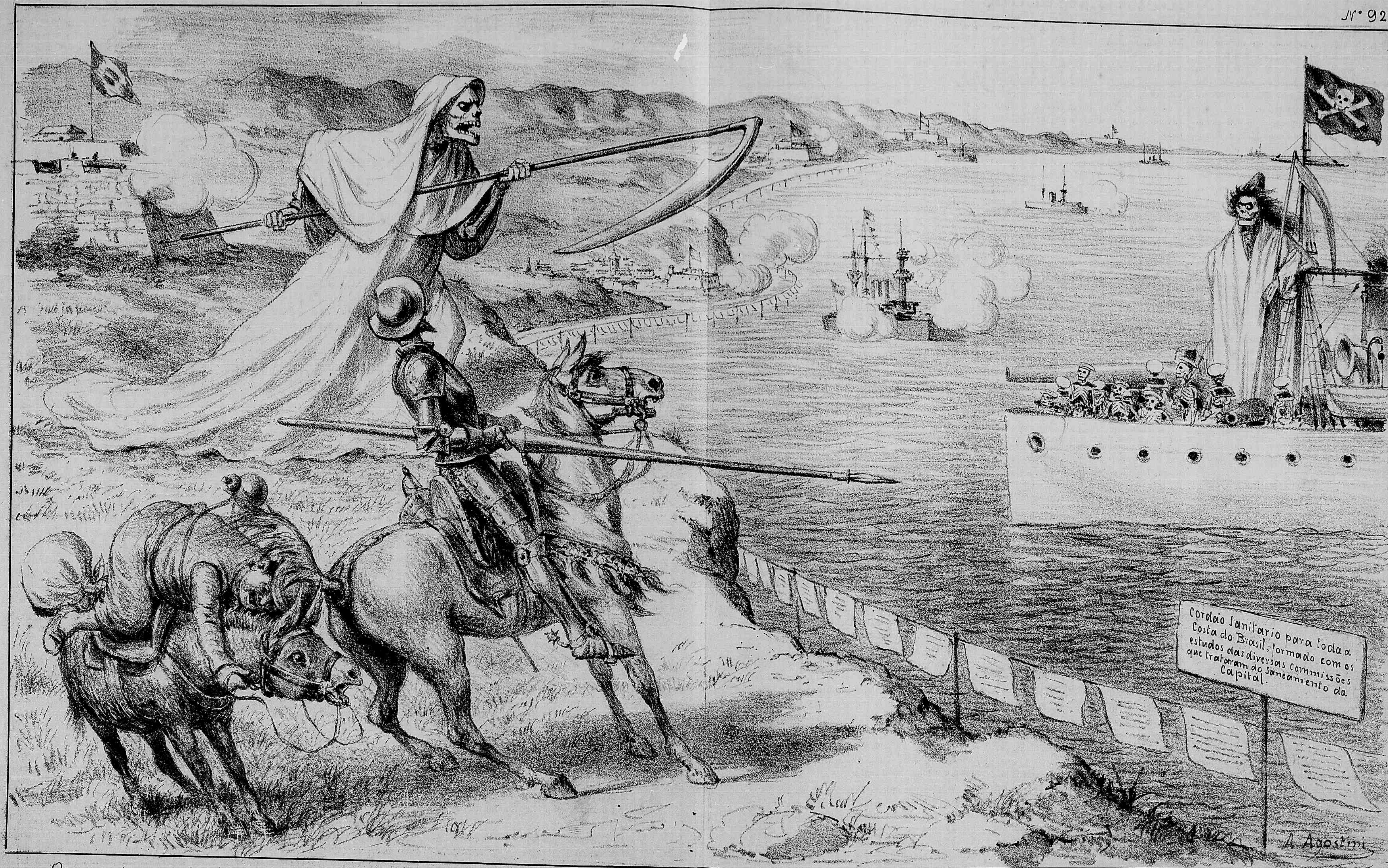
« Escrevem-nos de Santos dizendo que, á entrada alli ultimamente da esquadra ingleza, a fortaleza da barra não correspondeu ás salvas do almirante inglez, por não ter polvora. »



Pobre senador Pires Ferreira!

Fazem-lhe troça por ter apresentado um projecto restabelecendo as medalhas, condecorações e toda a especie de pendercalhos, com ou sem fita, que servem para ornar as fardas militares e mesmo as casacas civis. O general senador Pires Ferreira tem toda a razão.

Entre os grandes absurdos da nossa Constituição republicana, a suppressão das condecorações é um dos maiores. Compreende-se que numa republica não possa haver barões, viscondes, condes, marquezes e duques, como ha nas monarchias, mas o que não se comprehende é que se tenha abolido de todo o meio de distinguir um acto de bravura da parte de um militar,



Os grandes armamentos ordenados pelas autoridades sanitarias desde o Amazonas até o Prata, as esquadras de promptidão para vigiar as costas, as fortalezas bem artilhadas, fazem supôr que a tal peste, além de bubonica, é tambem armada! Don Quixote, apromptando-se para combatel-a, pede à nossa febre amarelle que tambem procure por seu lado afugentar a terrivel peste.

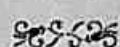
ou recompensar a alta capacidade scientifica, litteraria, artistica, ou mesmo um acto humanitario de qualquer cidadão.

O proprio presidente da Republica deveria ter um distinctivo como o têm todos os mais presidentes das diversas republicas ou da maioria dellas.

Não é nessa supressão de ordens honorificas que consiste a verdadeira democracia ! Tem razão o general senador Pires Ferreira.

S. Ex. tem o nosso voto... e temos certeza que tambem o de muita gente e, sobretudo, de militares.

Infelizmente o Senado em sua alta sabedoria (as vezes negativa) rejeitou unanimemente o restabelecimento das medalhas.



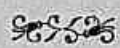
Os bichos, os bicheiros e os jogadores têm se visto em serios apuros com as ultimas caçadas que lhes tem feito a policia.

Que o jogo do bicho é cousa ruim, não ha duvida ; mas tal perseguição não tem desculpa alguma numa cidade em que o jogo tem character legal e official. Haverá maior jogatina do que as loterias que diariamente se extrahem nesta capital ? E não é sobre essas proprias loterias que se basea o jogo do bicho ?

Ou corte-se de uma vez o mal pela raiz, supprimindo as loterias, ou se não podem deixem em paz tanto os bicheiros como a bicharia.

Muito peor effeito produz aos olhos dos estrangeiros, que se acham de passagem entre nós, o berreiro constante e atordoador desses malandros vendedores de bilhetes de loteria, que vociferam os numeros atordoando nossos ouvidos e moendo nossa paciencia ; alguns delles, mais atrevidos, chegam a pol-os diante da nossa cara, embargando-nos o caminho e perseguindo-nos durante centenas de metros, berrando : o preço da casa, 59.696, 59.6 e... e só nos largam para perseguir outro cidadão que elle julga mais ou menos com cara de lhe comprar bilhetes.

Isto é que a policia deveria prohibir, pois é muito mais escandaloso essa loterica berraria do que a jogatina dos bichos feita pela calada, que por essa mesma razão não incommoda ninguem.



Quem não esquecerá o general Roca é a classe pobre desta capital, infelizmente bastante numerosa.

Como é sabido, o illustre presidente da Republica Argentina não se esqueceu que a caridade é a uma virtude nos chefes de nação, e generosamente deixou a importante quantia de 50 contos de réis para ser distribuída aos necessitados.

Depois de uma missa mandada rezar em acção de graças em Todos os Santos no dia 29 pelo feliz regresso do general Roca á Patria Argentina, D. Maria Antonietta, esposa do general Dionysio Cerqueira de Carvalho, Mme. Cerqueira de Carvalho e seu esposo, o major Braga Torres e outros cavalheiros distribuiram aos necessitados desse logar a parte das esmolos que lhes era destinada.

N'O Paiz tambem se fizeram varias distribuções. E' forçoso dizer que o nosso collega, neste negocio de caridade, tem-se sempre distinguido de entre todos e merece os maiores encomios.

OS BONDES

Francamente não sei como qualificar o procedimento das nossas companhias de bondes para com o publico, esse publico que paga pacientemente as exigencias impostas por contratos concedidos a algumas d'ellas e que tem, portanto, o direito de reclamar certas commodidades nos meios de conducção e urbanidade da parte do pessoal que o serve.

E é isso o que absolutamente não se vê.

As companhias de bondes, certas de que os passageiros moradores dos arrabaldes são forçados a vir diariamente á cidade, não lhes proporcionam o menor conforto no transporte, antes desconsidera-os, obrigando-os a fazer longas viagens de pé nas plataformas ou dependurados nos balaustres, expondo-os ao imminente perigo de ficar com as pernas esmigalhadas por uma carroça que qualquer carroceiro imprudente atirar sobre o bonde, ou ainda com um braço fracturado ou a cabeça rachada pelo encontro desses cavallos que por ahi andam montados por individuos, ás vezes fardados, quasi sempre pouco habeis na arte equestre mas a todo momento promptos a exhibir o seu animal em trabalhos de *alta escola*.

E o publico paga, soffre e nada faz.

Tambem o que fazer ?

Quem se dér ao trabalho de passar de manhã por qualquer das estações do Mangue, terá occasião de observar que, emquanto descem bondes abarrotados de passageiros (vi ha dias um com 63 pessoas) estacionam, cautelosamente guardados, nas estações muitos d'esses vehiculos que os interesses das companhias alli mandam conservar, mas que, postos em circulação, facultariam certamente logares para que viajassem sentados esses pobres diabos que, por qualquer motivo, têm a infelicidade de morar em qualquer dos arrabaldes servidos

pelas linhas que atravessam o pittoresco canal do Mangue.

Creio bem que se dará, mais ou menos, o mesmo com as outras companhias ; si digo mais ou menos é porque, além de nunca ter sido morador do aristocratico bairro de Botafogo, raras vezes me sirvo não só dos bondes electricos como tambem de uns outros que cruzam a todo instante por quasi todas as ruas desta cidade.

Isso é o que se vê quanto aos meios de transporte.

Quanto ao pessoal...

Bem ; é melhor fazer ponto aqui.

5\$000 PARA PALITOS

Não dormi toda a noite : uma noticia de um jornal de S. Paulo tirou-me o somno.

Diz o collega que o Sr. ministro da fazenda não quer pagar as despesas feitas em honra ao general Julio Roca.

Eu adiantei 5\$ ao ministro da guerra para a compra de palitos por occasião do banquete por elle offerecido ao seu collega argentino ; agora, si o Sr. Dr. Murtinho recusa-me o pagamento, sou... um homem perdido.

Para quem appellar?...

Estas tres palavras, terriveis na sua significação como as tres do banquete de Bathazar, *mane tekel phares*, suggeriram-me uma idéa luminosa : fui ao meu amigo o Sr. Dr. Fernando Mendes, director do *Jornal do Brasil*, que, com licença d'O Paiz, é a folha de maior tiragem da America do Sul, e contei-lhe o facto.

Vá ao Dr. Murtinho, disse-me elle, é homem de bem e trabalhador ; elle, como medico, recebe 200\$000 por visita e não póde fazer questão por uma ninharia como esta e mandará pagar. Si, porém, por um impossivel, não quizer respeitar o seu direito venha ter commigo. Publicarei o facto por inteiro no meu jornal, e você, como amigo que é, não pagará sinão 5\$000 cada vez.

O pagamento poderá demorar-se algum tempo ; mas, afinal, o ministro ha de ceder e o cobre ha de sahir.

Achei esplendido o conselho do meu amigo Sr. Dr. Fernando Mendes, um dos mais illustres e laureados em *utroque jure* do fôro fluminense, e por estes dias o *Jornal do Brasil*, si me não pagarem, começará outra vez a sua importante secção — Para quem appellar ? !

O «CARADURA» DA VILLA ISABEL

AO AÇOGUEIRO DO ANDARAHY GRANDE

O bonde mixto da Companhia Villa Isabel, que enquanto preencheu modestamente a sua missão democratica de receber gente barata e cargas leves; era universalmente *estimado e acatado*, passou agora por uma *metamorphose* completa, que o tornou extraordinariamente antipathico, tanto que a gente indignada condecorou-o com o titulo de *caradura* da Villa Isabel.

O antigo mixto foi barbaramente mutilado, tendo sido os seus assentos reduzidos a quatro, dois dos quaes com os encostos pregados de maneira a serem os passageiros forçados a ir de costas no bonde *novo modelo*; si oito pessoas podem ir sentadas de frente, oito devem ir de costas, como criança em castigo.

No numero d'essas estavamos, ha dias, eu, que não sou nenhum garoto de rua, e ando pelo dezena dos 50, e o Dr. José Hygino, que corre pela mesma bitola, que já foi ministro e teve a subida honra de ver substituido pelo seu nome o de Don Affonso em uma rua do bairro Andarahy.

Não podemos dar uma idéa exacta do que é a immoral *carroça caradura* daquella companhia. Não ha nada mais provocador, mais absurdo e mais deprimente para o publico.

Vê-se n'aquillo a intenção de afugentar d'alli a gente de certa categoria e a absoluta falta de consideração e desrespeito, mesmo os mais elementares preceitos de educação e humanidade.

Para que obrigar a gente a ir de costas? porque tiraram os bancos, sendo os passageiros forçados a ficar de pé?

E póde S. Ex. o Dr. prefeito permittir que tudo isto continue?

Com que direito a companhia modificou, para peor, os bondes mixtos?

Não é preciso ser propheta para prevêr algum facto lamentavel si o *caradura* da Villa Isabel continuar a funcionar.

E qual foi o alvo almejado pelo genio transcendental, inventor d'aquella monstruosidade? o provavel augmento diario de alguns nickeis nos cofres da companhia, mas estes comprovarão o descredito em que ella vae cahindo dia a dia, e a corrente de antipathia que vae se manifestando a seu respeito.

O *caradura* da Villa Isabel revela da parte do seu gerente tanta miseria, tanta mesquinhez, tanta pouca vergonha, que custa a crer que tão importante companhia conserve na gerencia um *caradura* tão semelhante, si não peor, que o tal bonde *caradura* de Villa Isabel.

Oh! muito digno da Casa de Correção, açougueiro do Andarahy Grande, olha bem para mim e ... vá ouvindo:

Agradece a Deus e á Nação Brasileira o não ser eu presidente da Republica, nem ministro da justiça, nem chefe de policia, nem delegado, nem fiscal, porque, se eu o fosse, não pintarias impunemente a manta e mais o sete, como desde largo tempo tu fazes com os infelizes forçados a cahir-te nas mãos por um pedaço de carne. Tu vendes, malvado, carne á razão de 700 grammas por kilo, quando te dá na gana de ser generoso, porque já houve quem recebesse kilos de 540 grammas.

Indo assim acabas mal, com toda a certeza. Has de encontrar quem te arrume um processo ás costas, e te faça pagar de uma vez a tua ladroeira de tantos annos.

Eu bem sei que tu, com dinheiro, encontrarás advogado, mesmo summidade no fóro, que jurará que teu crime é politico e, por conseguinte, muito perdoavel, mas será tambem possivel que o teu accusador encontre, *rara avis*, um advogado de força, capaz de provar por $a+b$ que quem vende kilos de carne de 450 grammas, não passa de um refinadissimo gatuno, digno, dignissimo, como eu já affirmei, da Casa de Correção; e lá dentro, malvado, se te condemnassem a ficar um dia sobre cada 20 kilos de carne *comidos* aos freguezes, serias ainda preso cem annos depois de morto.

Haverá fiscal na freguezia? não sei: mas si o ha, das duas uma; ou elle não compra carne no teu açougue, ou elle não paga a carne que compra; ou si a paga, tu, desgraçado, lh'a vendes á razão de 2.000 grammas por kilo, e sem osso.

Si ainda houvesse juizes em Berlim, tu, *meu amigo*, estarias mal arranjado no Rio de Janeiro.

N. B. Eu sou justo; por isso reconheço uma attenuante para o teu crime; não fazes mais do que acompanhar na *banda-lheira* a grande maioria dos teus collegas.

THEATROS

S. PEDRO

Apresentou-se na noite de terça-feira, no papel de *Tosca*, a distincta actriz Clara della Guardia na interpretação do trabalho

de Sardou. A grande artista vai por assim dizer de triumpho em triumpho.

Não era difficil prever o que seria ella n'este papel, em que estão em movimento continuo as mais fortes paixões humanas. A grande actriz venceu todas as difficuldades, foi sublime, arrebatadora, nas scenas culminantes do amor e do odio.

Um publico bastante numeroso e selecto applaudiu freneticamente a incomparavel artista italiana.

— Ante-hontem realizou-se o espectáculo em beneficio de Clara della Guardia.

A grande artista foi realmente extraordinaria.

O theatro esteve inteiramente cheio, sendo offerecidos á beneficiada custosos mimos.

Ao terminar o espectáculo, delirantes ovações foram feitas á eminente artista, que se mostrou bastante commovida por estas manifestações de apreço.

**

VARIEDADES

Na quarta-feira realizou-se neste theatro a estréa do *Engrossa*, do Dr. Moreira Sampaio.

Como muitos outros trabalhos do talentoso escriptor, a revista o *Engrossa* nada deixa a desejar, revelando o fino espirito e a reconhecida habilidade do seu autor.

Lastimamos que a falta de espaço nos prive de expôr por completo as nossas impressões

**

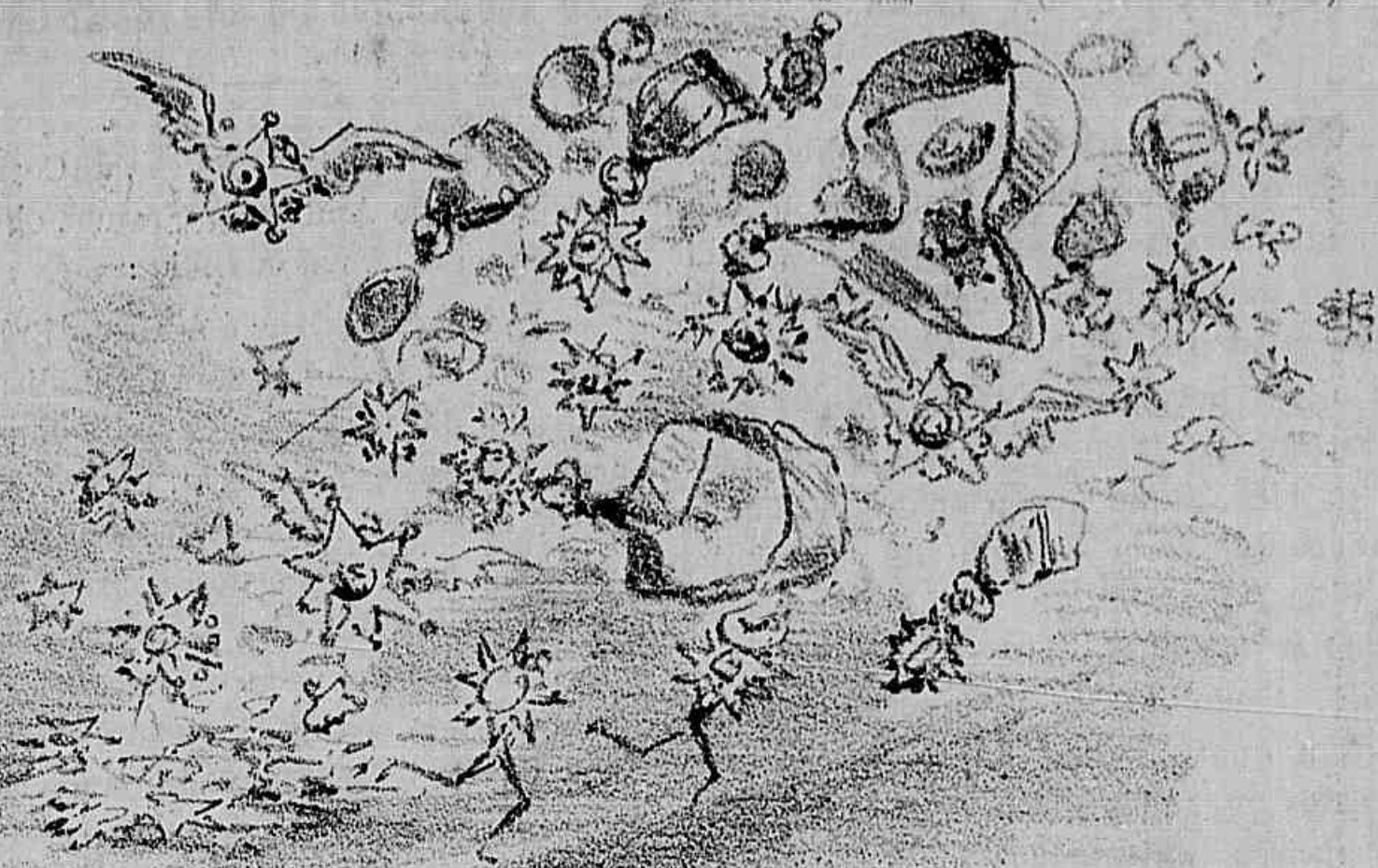
SANT'ANNA

Honrado com a presença do illustre presidente da Republica, representou-se n'este theatro, na noite de quinta-feira, o drama de Sardou *Tosca*, sendo protogonista a grande artista portugueza Lucinda, que foi extraordinaria no seu papel.

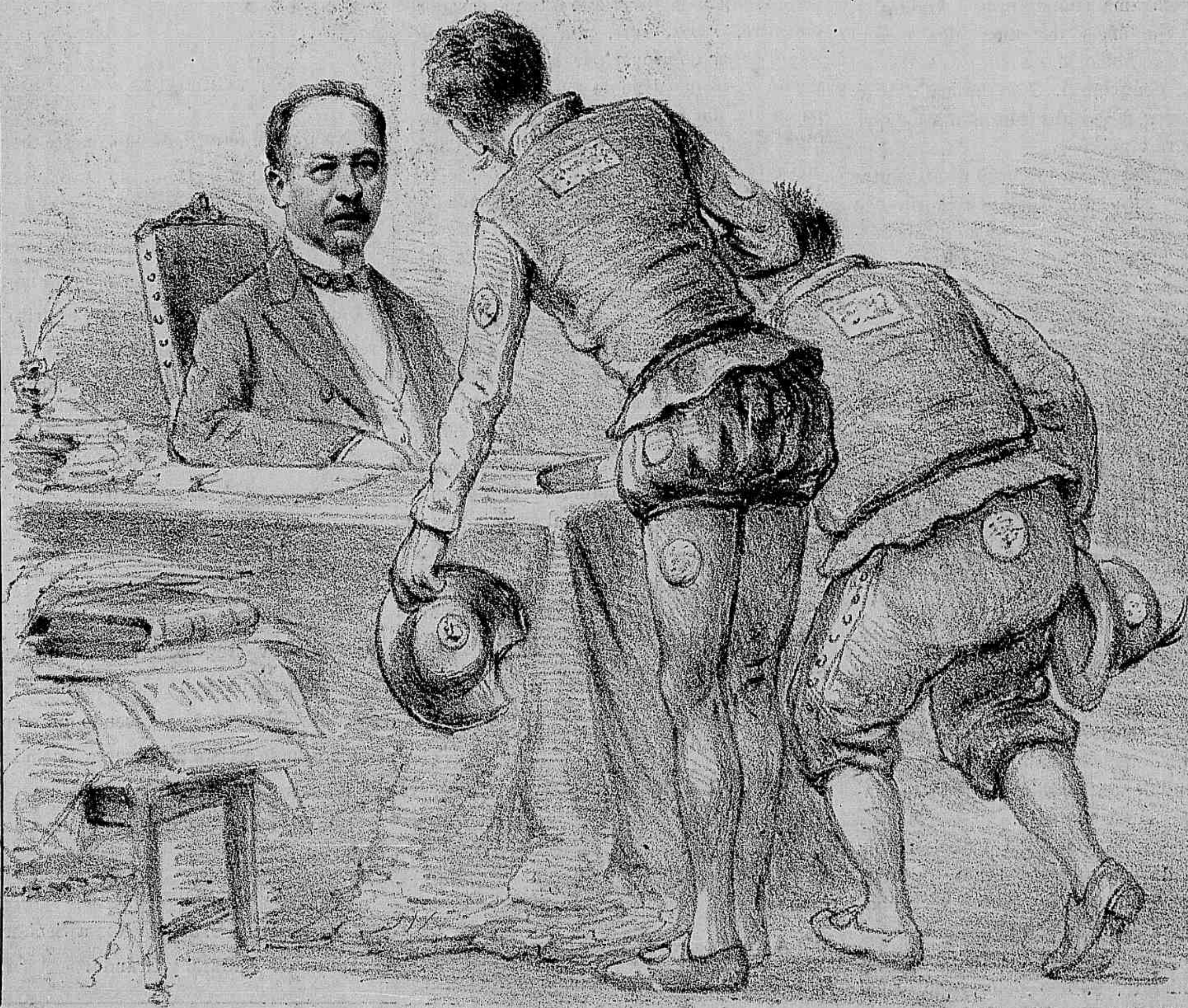
Houve, como era de esperar, uma enchente real.

O espectáculo realizou-se em beneficio da Irmandade de S. José e Nossa Senhora das Dôres do Andarahy Grande.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL



— 38 votos contra! É incrível! Lá se foram todas as commendas!
Nada mais para se distinguir o merito e o valor!
Éstes meus collegas Senadores...! 38 votos contra o meu projecto!



— Competentemente sellados dos pés à cabeça cumprimos o Sr Ministro pela sua resolução de tornar todas as indústrias eguaes perante a Lei... do Sello. Este acto justo e equitativo acaba com os ciúmes de alguns industriaes, principalmente dos Sapateiros, que não mettiam sello nas botas sem metter as botas no sello.